

Pedro Demo

Metodologia para quem quer aprender

Grupo 5

SÃO PAULO
EDITORA ATLAS S.A. – 2008

mia supõe alguma agressão, até mesmo para sair da sombra dos outros, é preciso saber lidar com isso, para não desandar em mera agressão. Não cabem autores intocáveis, impunes, mas democracia de autores.

5 ESTUDO VIRTUAL

O mundo virtual está mexendo profundamente com o desafio de estudar. Para muitos, a vida se tornou mais fácil, porque tudo se acha na Internet. Em vez ir para a biblioteca, vamos para a Internet, sem sair de casa. Com o advento da *wikipedia* e programas similares, a Internet tornou-se a nova biblioteca global, onde se podem encontrar textos de reconhecida qualidade acadêmica, ao lado de outros nem tanto. Quando o professor pede que os alunos façam algum trabalho em casa, mesmo insistindo que deve ser individual, é quase certo que vai ser feito em grupo via Internet, cada estudante em sua casa, mas em intensa interatividade e cuja autoria se perde no "coletivo". É quase certo também que vai ser "copiado"! Os internautas dizem que fazem um *remix*, ou seja, um "mexido", produto de outros textos, por colagem, justaposição, e mesmo plágio. Mas não precisa ser assim. O *remix* pode ser bastante original, quando a Internet é vista como plataforma de pesquisa e elaboração.

Isto ocorre, por exemplo, na universidade de pares (*peer university*), uma iniciativa de internautas, que, movidos por interesses comuns, estudam juntos soluções que lhes dizem respeito. Jogadores virtuais discutem sistemática e animadamente problemas que encontram nos jogos, possíveis saídas, invenções, alterações, derrotas e vitórias.

Crianças autoras de ficção (de Harry Potter, por exemplo) discutem juntas suas criações, modos de divulgar, processos de criatividade e reconstrução, alternativas de produção etc. Nesses ambientes, estuda-se muito, com profundidade e motivação reconhecidas, algo que já não vemos na escola e na universidade. Algo similar espera-se das alfabetizações ou multialfabetizações, com auxílio virtual. Primeiro, nenhuma criança deixa de usar o computador e a Internet porque não sabe ler, escrever, contar. Ler, escrever, contar já é um tipo apenas de alfabetização, quase um pressuposto. Outras estão ficando mais importantes, como fluência digital, manejo de ambientes virtuais, uso inteligente da internet, produção de textos alternativos com preferência pela imagem e animação, e assim por diante. Segundo, a necessidade de ler e escrever será decorrente da necessidade de entender e enviar *e-mail*, usar *blog*, navegar na Internet, interagir livremente. Será, em certo sentido, uma alfabetização situada virtualmente, e – espera-se – mais bem motivada. A premência da comunicação virtual fundará a necessidade profundamente motivada de se alfabetizar, não mais movida por um professor que assim quer, uma escola que assim manda.

Ao mesmo tempo, deixando o texto impresso clássico de deter o centro da atenção, o cenário dominado pela imagem – bem menos centralizado e hierarquizado – permite movimentação mais ampla e caótica, a gosto dos jovens. Assim como, ao usar a Internet é possível comandar várias “janelas” ao mesmo tempo, há estudantes que, em ambiente de Internet sem fio em sala de aula, fazem várias tarefas ao mesmo tempo, sem falar que estariam também escutando “atentamente” o professor falar. Esta multimodalidade

– esquisita para gerações passadas – parece natural, já que atenção focada em um assunto só, em silêncio absoluto, quieto e teso, não é algo natural, mas forçado. Perante cenários em movimento, é preciso mover-se. O texto impresso é disciplinar: de cima para baixo, da esquerda para a direita, linha por linha, palavra por palavra. O texto dinamizado pela imagem não tem centro nem hierarquia, pode ser começado em qualquer parte, transpira certa liberdade de ação e permite interferência recíproca interativa. É plástico.

DIMENSÕES
DA PRESENÇA

física

virtual

flexível

Assim é um texto *wiki*: começando com um texto qualquer, a seguir todos aqueles que quiserem editam-no, inserindo nele sua parte, guardando a memória de todos os passos, incluindo-se também salas de discussão, quando há – muito freqüentemente – polêmicas. Ao final – que nunca é final –, o texto é um produto coletivo, tipicamente, sem autor definido, enquanto todos são autores. Na tradição da autoria clássica e liberal, preza-se a exclusividade original. Mas na *wiki* preza-se o produto coletivo, mesmo que seja menos brilhante (gênios costumam ser mais brilhantes que coletivos). O produto coletivo, porém, pode deter grande qualidade, dependendo da ética coletiva em primeiro lugar: se todos buscarem a autoridade do argumento, evitando o argumento de autoridade, argumentos menos fundamentados são facilmente substituídos por outros mais bem fundamentados. Mesmo quando inserções predatórias

ocorrem, rapidamente são expurgadas, porque a maioria mantém a ética coletiva da autoridade do argumento. Enquanto erros na enciclopédia tradicional são corrigidos em meses, na *wikipedia* podem ser corrigidos imediatamente, através de vigilância colaborativa e aberta. Isto nos coloca questões interessantes e assustadoras para gerações passadas. Por exemplo, seria pensável uma tese de doutorado de estilo *wiki* ou similar, feita por um grupo demarcado de alunos? Temos desconfiança contra trabalhos coletivos, não sem razão. Em geral, um faz e muitos assistem, sem falar que consensos facilmente nivelam por baixo.

No entanto, como o próprio mercado vai privilegiando o trabalho em equipe – esconder informação vai ficando comportamento que só traz prejuízo –, é função do professor educar o aluno a trabalhar honestamente em grupo, correndo naturalmente o risco de abuso. Assim como é mais prudente educar para o bom uso da Internet, é também prudente educar para o bom uso do trabalho coletivo. O ponto alto deste tipo de trabalho pode ser a prevalência possível da autoridade do argumento, já que tudo o que se apresenta vai ser discutido, permanecendo o resultado coletivo naturalmente discutível. A colaboração, em vez de nivelar por baixo, poderia significar motivação poderosa de qualificação dos textos. Não podendo cada membro insinuar-se como “autoridade” *a priori*, mas tendo que argumentar para merecer ser ouvido, temos aí confluência apreciável de qualidade formal e política. No plano formal, o tema precisa ser tratado com seriedade, profissionalmente; no plano político, o consenso precisa escudar-se na autoridade do argumento, implicando saber ceder, ouvir, e colaborar com desprendimento.

Um ponto de importância capital é a possibilidade de *estudar por si*, sem que daí siga a pretensão de dispensar o professor como orientador e avaliador. Mas é fato que todo aluno pode procurar na Internet o que quiser, pois tem à sua frente uma plataforma virtual cada vez mais rica para pesquisar. Este é signo fundamental do estudo flexível, que tem, entre outras conseqüências, a possibilidade de estudar em casa ou em outro ambiente que não seja a sala de aula. A presença virtual torna-se referência crucial, mudando o tom da discussão em torno da “educação à distância”, porque esta terminologia está ultrapassada. Quem estuda está presente. Por isso, não tem sentido distinguir os cursos entre “presenciais” e “não presenciais”. São todos, naturalmente, presenciais. O que muda é o estilo de presença: física, virtual, flexível. Em nossa cultura, grande desafio é educar o aluno para que se aproveite desses novos ambientes produtivamente, não fraudulentamente. É comum vender a idéia de “facilitações” virtuais, que começam pela leitura rasa, rala, ou nenhuma. Entretanto, há que se ver que a “facilitação” mais comum é a aula instrucionista.

“Saber estudar” virtualmente será tema central de nossas vidas, daqui para a frente. Tanto professor, quanto aluno terão de se confrontar com este desafio, cabendo à inteligência e ética de cada um fazer bom uso. Estudando por si, em ambientes mais soltos e flexíveis, em qualquer tempo e lugar, o aluno, em certo sentido, livra-se da obrigação da aula. Cessa o aluno “cativo”. Aparece facilmente o aluno mais bem informado que o professor. A pressão sobre conteúdos decresce, porque a ninguém ocorre dar conta de todos os conteúdos que aparecem na Internet. São infinitos. Há que selecionar. Não estudamos tudo. Estudamos o que

convém para a construção adequada do profissional que valoriza, para além de dominar conteúdos, saber pensar, tendo em vista renovar conteúdos e a própria profissão. O ambiente dinâmico, desconstrutivo e reconstrutivo dos mundos virtuais escancara esta provisoriedade que nos faz estudar sem parar. O próprio fato de que todos irão, na vida profissional, usar computador e Internet impõe que se estude em tais ambientes, impreterivelmente. Os riscos, que são muitos, fazem parte desta nova realidade. Risco insuportável, irresponsável, é passar ao largo, ignorando os novos tempos.

No mundo virtual, conta menos a disciplina do que a motivação. Ao lado de muita baboseira, a internet se apresenta como espaço de criatividade, interação, motivação, envolvimento, sem muita ordem, sem hierarquia, mesmo que seja ilusória, em grande parte, a pretensão de liberdade plena. Mas vale aí a “sensação de liberdade”, como ocorre nos jogos eletrônicos. Ao final, cada jogo é um *software* dado e completo em si, não podendo simplesmente ser alterado pelo jogador. Mas, de modo inteligente, o *designer* insere margens de liberdade nas regras, nos ambientes, nas interações, de tal sorte que o jogador tenha a sensação de autoria. Em ambientes como os *blogs*, cada qual publica o que quer, podendo aparecer como autor criativo ou não, dependendo de sua perspectiva. Trata-se, na verdade, de um espaço muito surpreendente: de um lado, nada é mais rígido, ordenado, repetitivo, seqüencial do que código digital – zeros e uns, esquema binário simples; de outro, em cima disso constroem-se mundo virtuais que alçam vãos infinitos, cada vez mais amplos, à medida que entramos na época da *web* 2.0, mais interativa, mais semântica, mais

plástica. Em particular, amplia-se a dimensão da autoria que pode ser de um *remix* modesto a um *remix* imponente, permitindo que todos se tornem, de algum modo, *designers* de suas próprias vidas. Uma potencialidade, não uma fatalidade, claro.